



## **Encontros na Península, de Milton Hatoum: Um diálogo com A Causa Secreta, de Machado de Assis**

*Maria Betânia da Costa Ataíde<sup>1</sup>; José Edilson de Amorim<sup>2</sup>*

**Resumo:** Nesse artigo temos como objetivo apresentar uma leitura comparada do conto “Encontros na Península”, de Milton Hatoum com “A causa secreta”, de Machado de Assis. Ao longo do trabalho apresentamos algumas reflexões em torno da pergunta da personagem Victoria Soller. Teoricamente nos baseamos em Carvalhal (2004) com a obra Literatura Comparada, e em Bakhtin Dialogismo e Polifonia (2016). Notamos através das relações intertextuais que o conto “Encontros na Península” dialoga com alguns textos machadianos.

**Palavras-chave:** Machado de Assis; Milton Hatoum; Literatura comparada.

## **Encontros na Península, by Milton Hatoum: A dialogue with the Secret Cause, by Machado de Assis**

**Abstract:** In this article we aim to present a comparative reading of the short story “Encontros na Península”, by Milton Hatoum with “A causa secreta”, by Machado de Assis. Throughout the work, we present some reflections on the question of the character Victoria Soller. Theoretically, we are based on Carvalhal (2004) with the book Comparative Literature, and on Bakhtin Dialogismo e Polifonia (2016). Through the intertextual relationships, we noticed that the short story “Encontros na Península” dialogues with some Machadian texts.

**Keywords:** Machado de Assis; Milton Hatoum; Comparative literature.

---

<sup>1</sup>Graduação em Letras - Língua Portuguesa e Mestranda em Linguagem e Ensino - Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Especialista em Educação para as Relações Étnico-Raciais, UFCG. betaniaataide1@gmail.com

<sup>2</sup>Graduação em Letras - Licenciatura Plena - na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mestrado e Doutorado em Letras na UFPB. Docente na Universidade Federal de Campina Grande-PB, Brasil. edilsondeamorim@gmail.com

## Introdução

As narrativas muitas das vezes passam por processos de reescritas, e para isso temos os elementos literários, conforme os exemplos a seguir: enredo, personagens, tempo, tema, espaço, narrador, que são empregados sempre na construção de uma nova escrita. “Não há textos Puros, nem poderia haver. Qualquer texto comporta, por outro lado, elementos que se poderiam chamar técnicos (aspecto técnico da grafia, da elocução, etc.)” (BAKHTIN, 1997, p, 332). De acordo com o autor, “[...] seu ser autêntico, sempre sucede nas fronteiras de duas consciências, de dois sujeitos[...]” (p. 333). Ainda acrescenta a possibilidade de “[...] encontro de dois textos, do que está concluído e do que está sendo elaborado em reação ao primeiro. Há, portanto, encontro de dois sujeitos, de dois autores.” (p. 333). Diante do exposto, temos o conto “Encontros na Península”, de Milton Hatoum (2009) que dialoga com alguns textos machadianos. E, ao citar esse texto como referência podemos assegurar o que Bakhtin falou anteriormente acerca de uma obra literária ser composta também por aspectos dialógicos de um ou mais autores.

Nesse contexto, destacamos os questionamentos da protagonista Victoria Soller: “Agora quero encontrar aquele louco nas páginas de Machado. Mas em qual conto ou romance? Tu sabes, professor?”, Hatoum (2009, p. 110). Estas interrogações estão presentes no conto “Encontros na península”. Possivelmente, ao ler os textos “Luís Soares”, “A causa secreta”, “O segredo de Augusta”, o capítulo “O almoceve”, de Memórias póstumas de Braz Cubas, de Machado de Assis iremos identificar os indícios de possíveis respostas.

Para isto, proporcionamos uma leitura comparada do conto “Encontros na península”, de Milton Hatoum com textos de Machado de Assis, sobretudo, o texto “A causa secreta”, para então, refletirmos a possibilidade de abordar várias respostas à personagem Victoria Soller, pois essas indagações ficaram em aberto. Nesse sentido, cabe aos leitores, respondê-las. Para fundamentar nosso artigo, adentraremos a perspectiva teórica de Tânia Franco Carvalhal (2004), com a obra *Literatura Comparada*. Segundo a autora “comparar é um procedimento que faz parte da estrutura de pensamento do homem e da organização da cultura.” (CARVALHAL, 2004, p. 6). O trabalho parte, também, dos conceitos de intertextualidade e dialogismo, categorias por demais importantes quando se trata de comparar uma narrativa com outros textos literários. Para abordar estes assuntos, baseamos em Júlia Kristeva (2012); e, *Bakhtin Dialogismo e Polifonia* (2016), entre outros.

## Concepção de leitura: interação entre autor, texto e leitor

Há várias concepções de leitura. E, ao ler o livro *Língua e Literatura: Machado de Assis em sala de aula* (2012) encontramos com algumas delas; porém a mais adequada segundo os autores, e, ao meu entendimento, é que leitura “parte de um processo que concebe língua e linguagem como interação entre sujeitos (autor e leitor) com papéis ativos nos processos comunicativos e dialógicos, cada um com uma contribuição a dar no processo de formação dos efeitos de sentido.” (GUIMARÃES e BATISTA, (orgs.), 2012, p. 20).

Partindo dessa reflexão, compreendemos que os sentidos do texto acontecem(na) em conjunto com a interação entre autor, obra e leitor. E para a existência desses sentidos, o sujeito leitor precisa ser ativo, ou seja, no ato da leitura o conhecimento prévio do leitor entra em ação, contribuindo com suas experiências e vivências. Podemos ainda enfatizar que “[...] os textos literários situam-se entre a conotação e a denotação, entre o real e o imaginário, sugerindo uma participação mais ativa do leitor, que deve ser convidado a entrar no universo da verossimilhança literária.”, (GUIMARÃES e BATISTA, (orgs.), 2012, p.21). E para trabalhar com a literatura, levando em consideração a complexidade do leitor, é importante “[...] visitar a história de quem somos e do que construímos.”, (GUIMARÃES e BATISTA, (orgs.), 2012, p. 24). Para isso, “Não se há de pleitear, em ambiente escolar, uma leitura estritamente frugal dos textos literários. Antes, há de se questionar a ausência da provocação, do estímulo ao prazer da leitura.” (GUIMARÃES e BATISTA, (orgs.), 2012, p.24).

Enfatizamos que ler apenas quando convocados por um professor em sala de aula, não os torna leitores críticos e reflexivos, e sim, concluem a educação básica com dificuldade até em compreender os gêneros textuais e compará-los. Caso o professor não confrontar o leitor e mostrar que a diversidade de leitura de um mesmo texto pode proporcionar sentidos que são construídos pelas vivências e experiências do leitor, ele compreenderá que a obra já tem o sentido completo, e passará a ser, somente, um leitor passivo.

Após essa breve reflexão sobre o conceito de leitura, destacaremos, a seguir duas resenhas dos contos supracitados. Em 2008, Hatoum foi convidado para a abertura do simpósio internacional Caminhos Cruzados: Machado de Assis pela Crítica Mundial, em São Paulo. E, em homenagem ao grande escritor da literatura brasileira, Machado de Assis,

Hatoum leu o texto “Encontros na Península”. Texto esse com temas machadianos atualizados, como, por exemplo: loucura, sadismo, adultério, dentre outros que também são encontrados no contexto histórico, em que foram escritas as obras machadianas.

### **Resenha do conto “Encontros na Península”, de Milton Hatoum**

Uma mulher empoderada assim pode ser descrita a personagem Victoria Soller do conto *Encontros na Península*, do escritor contemporâneo Milton Hatoum. O cenário é em Barcelona, em 1980. O professor particular de Língua Portuguesa de Victoria Soller é um dos principais personagens do conto. Ele estava à procura de trabalho e se depara com uma ligação: “[...] então o acaso saiu da sombra e o telefone tocou. Uma mulher havia lido um cartaz no Centro de Estudos Brasileiros: ensina-se português do Brasil. Victoria Soller queria aprender português.” (HATOUM, 2009, p. 103). A intenção da catalã não é aprender no sentido de falar a língua portuguesa, e, sim, ler as obras machadianas.

Sua curiosidade pelas narrativas do escritor brasileiro surgiu quando começou a namorar o português Soares, leitor compulsivo de Eça de Queirós. Ao saber dessa informação, o professor usa a seguinte expressão: “[...] a pátria me salvou neste verão, pensei.” (Hatoum, 2009, p. 104). Não poderia ser qualquer professor de Língua Portuguesa, mas aquele cuja nação fosse o Brasil, que conhecesse as obras de Machado.

Para impressionar sua aluna, ele lhe indicou dois romances e dezoito contos do autor que ela tanto almejava conhecer. Ao ler *Dom Casmurro*, Victória conclui que o autor é um homem culto e fica impressionado como pode surgir um escritor como Machado, no subúrbio do mundo. Ela afirma o seguinte: “[...] já se vê que os narradores de Machado são terríveis, irônicos, geniais.” (Hatoum, 2009, p. 105). Diferentemente de Soares que, ao comparar Machado com Eça de Queirós, afirma que o português é bem superior ao escritor brasileiro. E, possivelmente, Soares não gosta de Machado pelo simples fato dele ter criticado cruelmente dois romances de Eça.

Victoria Soller conheceu Soares em Lisboa. Ela é uma viúva aos 36 anos, bonita e sonhadora. Ao receber um olhar apaixonante também correspondeu. E juntos almoçaram em um restaurante próximo ao hotel em que estava hospedada. Durante o almoço, ela narra sua história, sua vida pessoal, e ele simplesmente fala de literatura. Em seguida afirma: “[...] consegui um emprego que me permite ler a maior parte do tempo.” (HATOUM, 2009, p.

107). Esse trabalho nada mais era do que cuidar e ler para uma senhora. Dama essa que logo adiante descobriremos que é simplesmente a esposa dele.

Foram vários encontros amorosos; Victoria até fez plano, mentalmente, com a intenção de se mudar para Lisboa com o propósito de viver esse romance com mais intensidade. Simplesmente apaixonada, ela conta que “uma tarde de maio, antes de sair do hotel, ele me beijou e acariciou com tanta volúpia que adiamos a nossa despedida.” (HATOUM, 2009, p. 108). Então, ela conclui que essa tarde foi a mais intensa de todos os encontros; por isso, o interesse de ficar perto dele por mais tempo, ao ponto de pensar em morar próximo, porém essa foi uma ideia instantânea, uma vez que ela descobre a verdadeira personalidade de Soares.

Ao descobrir quem realmente é o amante, ela fica horrorizada, uma vez que o segue para desvendar seus mistérios. Certo dia, ela o olhava, à distância, com tanta ternura e alegria, porém “(...) ele parou e se curvou para um mendigo sentado na calçada (...) tirou do bolso uma moeda, jogou-a para o alto e, quando o cobre ia cair nas mãos estendidas, Soares agarrou a esmola e deu uma gargalhada.” (HATOUM, 2009, p. 109). A atitude dele a impressionou, então ela ficou se questionando sobre quem tem coragem de agir com tanta frieza com aqueles que mais necessitam? E o mendigo ficou tão assustado ao ponto de seus braços caírem. E Soares, simplesmente, enfiou a moeda no bolso e saiu cantando como se isso o satisfizesse.

Após presenciar tal cena, Victoria decide seguir Soares e, assim, desvendar seus segredos. Mesmo se sentindo ridícula e desvalorizada, põe seu plano em ação. A casa onde é o padeiro de Soares fica em Alfama. Ela o encontra numa festa de aniversário que parece mais um velório, pois se depara com algumas damas de pretos e também a própria aniversariante. O Soares, ao vê-la entrar, não estranha e a cumprimenta. Logo em seguida, a apresenta a Augusta, sua esposa, como sendo sua professora de espanhol. Logo após, se ajoelha diante da senhora e a beija na face. “Um beijo demorado, tão demorado que ele teve tempo de me olhar com uma expressão cínica, voraz, de prazer mórbido.” (HATOUM, 2009, p. 110).

Victoria fica, simplesmente, apavorada com a atitude dele, pois percebe que a senhora além de ser idosa é também cadeirante. Aquele olhar louco de Soares a deixa sem ação, várias mulheres tentam falar com ela; mas, totalmente em pânico, Victoria presta atenção apenas nas simples palavras de Augusta que diz o seguinte: “Ensine meu marido a amar, nem que seja em espanhol.” (HATOUM, 2009, p. 110). Assim, conclui-se a narrativa

com a saída de Victória da casa de Soares. Em lágrimas, ela o amaldiçoa. E diz ao professor: “Agora quero encontrar aquele louco nas páginas de Machado. Mas em qual conto ou romance? Tu sabes, professor?” (HATOUM, 2009, p. 110).

### **Mistério e crueldade em: “A causa secreta” de Machado de Assis**

A primeira vez que o estudante Garcia encontrou Fortunato foi em 1960, quando ainda estudava no curso de medicina. Porém o segundo encontro foi o que marcou. Garcia residia na rua de D. Manuel e gostava de ir ao teatro de São Januário, era uma maneira para se distrair. E por coincidência, Fortunato, em uma noite qualquer, também foi ao teatro e houve o segundo encontro entre eles. “A peça era um dramalhão, cosido a facadas, ouriçado de imprecações e remorsos; mas Fortunato, ouviu-a com singular interesse.” (MACHADO, 2019, p. 194). Impressionante como a atenção dele ainda redobrava nas cenas mais dolorosas. Garcia, ao deparar com essa situação, ficou desconfiado. E antes de concluir a peça teatral, Fortunato foi embora. Ele saiu na frente e logo em seguida Garcia o seguiu. Misteriosamente, ele foi pelo um beco até chegar ao largo da Carioca. “Ia devagar cabisbaixo, parando às vezes, para dar uma bengalada em algum cão que dormia; o cão ficava ganindo e ele ia andando.” (MACHADO DE ASSIS, 2019, p 194).

Depois de tanto caminhar, Garcia resolveu retornar para casa e ficou sem compreender os mistérios de Fortunato. Semanas depois, Garcia, estando em casa escutou um barulho no corredor e saiu para saber o que se passava. E logo presenciou uma cena em que um homem todo ensanguentado fora carregado nos braços de alguns homens (o ferido era um empregado do Arsenal de Guerra). Ele, preocupado com a situação, afirmou que era preciso chamar um médico, porém Fortunato respondeu que já estava a caminho. Garcia ficou surpreso quando viu que o homem que ia acudir o ferido era o da Santa Casa e do teatro. Inicialmente, pensou que ele fosse parente do ferido, mas logo percebeu que não. Então, Fortunato assumiu a direção do serviço e pediu que os demais se ausentassem e ficasse apenas o estudante de medicina para lhe ajudar nos procedimentos, juntamente com o médico.

Logo depois, Fortunato narra como tudo aconteceu. Disse que “[...] foi uma malta de capoeiras.” (MACHADO DE ASSIS, 2019, p. 195). Ele vinha do quartel de Moura e tinha ido visitar ao primo quando escutou um barulho muito grande. Ao presenciar uma confusão, percebeu um homem ferido e resolveu ajudá-lo. Esse senhor era Gouveia, empregado no

Arsenal de Guerra. Garcia perguntou a Fortunato se o conhecia. Ele afirmou que nunca tinha o visto. Quando o médico e subdelegado chegaram, interrogam Fortunato. Ele afirmou que se chamava “Fortunato Gomes da Silveira, ser capitalista, solteiro, morador em Catumbi.” (MACHADO DE ASSIS, 2019, p. 195). Após as informações, serviu, juntamente com o estudante, de ajudante durante o curativo do ferido. Sem se conturbar, segurou a bacia e demais objetos. E sempre com um olhar frio para o enfermo.

Quando finalizou o curativo, Fortunato conversou em particular com o médico e o acompanhou até a saída, e falou para o subdelegado que estava disposto a ajudar nas investigações da polícia. Quando eles saíram, Fortunato e Garcia ficaram no quarto. O estudante olhou para ele, “[...] viu-o sentar-se tranquilamente, estirar as pernas, meter as mãos nas algibeiras das calças e fitar os olhos no ferido. Os olhos eram claros, cor de chumbo, moviam-se devagar e tinham a expressão dura, seca e fria.” (MACHADO DE ASSIS, 2019, p. 195). Ainda junto com o ferido, Fortunato perguntava a Garcia como ele estava, mas a sensação que o estudante tinha era que ele o desprezava, além da curiosidade. Após uma hora, Fortunato foi embora e retornou dias seguintes, porém, ao perceber que Gouveia já estava bem recuperado, partiu sem deixar rastros.

Querendo agradecer a Fortunato por tê-lo ajudado, Gouveia perguntou a Garcia onde ele morava. Dias depois foi ter com ele. “Fortunato recebeu-o constrangido, ouviu impaciente as palavras de agradecimento, deu-lhe uma resposta enfatiada.”, (MACHADO DE ASSIS, 2019, p. 196). E, rindo-se, avisou para ele ter cuidado com as capoeiras. “O pobre diabo saiu de lá mortificado, humilhado, mastigado a custo o desdém, forcejando por esquecê-lo, explicá-lo ou perdoá-lo, para que no coração só ficasse a memória do benefício; mas o esforço era em vão.” (MACHADO DE ASSIS, 2019, p. 196). Garcia ficou assustado com a situação. Queria ter a oportunidade de conversar com Fortunato novamente, porém não tinha recebido um convite formal.

Com o passar do tempo, já formado, e residindo na Rua Mata-cavalos, próxima do Conde, Garcia encontrou Fortunato várias vezes e, por essa razão, foi se criando uma aproximação entre eles. Certo dia, Garcia recebeu um convite para visitá-lo em sua residência, afirmando ele estar casado, e jantar com o casal no domingo. Foi um bom jantar, Garcia conheceu Maria Luíza, a esposa de Fortunato. Gostou bastante da companhia dela, porém não viu mudança na figura do esposo. Já a esposa era linda, com apenas vinte e cinco anos, mas parecia ter bem menos.

Em outro encontro em que Garcia foi visitá-los, “[..] percebeu que entre eles havia alguma dissonância de caracteres, pouca ou nenhuma afinidade moral, e da parte da mulher para com o marido uns modos que transcendiam o respeito e confinavam na resignação e no temor.” (MACHADO DE ASSIS, 2019, p. 197). Curioso em saber se Luísa sabia como eles se conheceram, Garcia fez questão de contar como isso aconteceu. Fortunato não gostou muito da ideia e contestou. Porém, Garcia insistiu e afirmou que a jovem ia ouvir uma estória bonita. Então, “contou o caso da rua de D. Manuel. A moça ouviu-o espantada. [...] no fim contou ele próprio a visita que o ferido lhe fez, com todos os pormenores da figura, dos gestos [...]” (MACHADO DE ASSIS, 2019, p. 197). Garcia o elogiou tanto que disse: “[...] se algum dia fundar uma casa de saúde, irei convidá-lo.” (MACHADO DE ASSIS, 2019, p. 198). Ele tinha brincado com a situação, mas a ideia ficou na cabeça de Fortunato, e ele insistiu muito nela. Garcia finalmente aceitou, pois, querendo ou não, era um bom negócio para ambos.

A ideia da fundação da casa da saúde pode ter sido boa para eles, mas não foi importante para Luísa. Uma vez que ela era muito nervosa e ficou inquieta só com a notícia. Mas Fortunato não hesitou. E tudo saiu do jeito que ele quis. “Aberta a casa, foi ele o próprio administrador e chefe de enfermeiros, examinava tudo, ordenava tudo, compras e caldos, drogas e contas.” (MACHADO DE ASSIS, 2019, p. 198). Nessa parceria, tudo estava dando certo. Fortunato muito atencioso com os enfermos. “Fortunato estudava, acompanhava as operações, e nenhum outro curava os cáusticos. Acomunhão dos interesses apertou os laços da intimidade. Garcia tornou-se familiar na casa; ali jantava quase todos os dias [...]” (MACHADO DE ASSIS, 2019, p. 198). Nessa convivência com Fortunato, Garcia ficou mais próximo de Luísa, observando, assim, sua rotina e percebeu o quanto ela era solitária. “Garcia começou a sentir que alguma coisa o agitava, quando ela aparecia, quando falava, quando trabalhava, calada, ao canto da janela, ou tocava o piano umas músicas tristes. Manso e manso, entrou-lhe o amor no coração.” (MACHADO DE ASSIS, 2019, p. 199).

Maria Luísa cada dia ficava mais nervosa, pois Fortunato resolveu estudar anatomia e fisiologia; assim, em suas horas vagas costumava envenenar cães e gatos. Como não podendo mais incomodar os doentes na casa de saúde, ele resolveu instalar o laboratório em sua residência. Maria Luísa, não suportando mais a situação, resolveu pedir ajuda a Garcia para que ele falasse com Fortunato e afirmasse que aquela situação estava lhe fazendo muito mal. Atendendo ao pedido dela, Garcia solicitou que Fortunato encerrasse com aqueles estudos. “Maria Luísa agradeceu ao médico, tanto por ela como pelos animais, que não

podia ver padecer.” (MACHADO DE ASSIS, 2019, p. 199). Além disso, ela já se encontrava doente, Garcia já tinha percebido e se preocupava em avisar logo a Fortunato. Dois dias depois, Garcia foi até à casa de Fortunato jantar com eles. Ao chegar, encontra Luísa aflita. Curioso, pergunta o que é. Ela diz que há um rato e sai. Garcia lembrou que ele tinha falado a respeito desse rato, mas não esperava o que viu.

“No momento que Garcia entrou, Fortunato cortava ao rato uma das patas; em seguida desceu o infeliz até a chama, rápido, para não o matar, e dispôs-se a fazer o mesmo à terceira, pois já lhe havia cortado a primeira. Garcia estacou horrorizado.” (MACHADO DE ASSIS, 2019, p. 100). E o questionou por que não o matar logo? Fortunato sorriu com satisfação e continuou torturando o rato com os mesmos procedimentos. “O miserável estorcia-se, guinchando, ensanguentado, chamuscado, e não acabava de morrer.” (MACHADO DE ASSIS, 2019, p. 100). Garcia tentou impedir, mas Fortunato, sem nenhuma piedade, sacrificou o animal da pior forma possível.

Após o ato repugnante, Garcia só queria compreender o motivo de tanta maldade. Pois não percebeu “[..] nem raiva, nem ódio; tão somente um vasto prazer, quieto e profundo.” (MACHADO DE ASSIS, 2019, p. 100). ““Castiga sem raiva”, pensou o médico, “pela necessidade de achar uma sensação de prazer, que só a dor alheia dar: é o segredo deste homem.”” (MACHADO DE ASSIS, 2019, p. 100). Ao voltar ao gabinete, Maria Luísa é chamada de fracalhona por Fortunato. Ele fez questão de dizer ao médico que ela quase desmaiou ao deparar com a cena. Luísa se defendeu afirmando ser muito nervosa. E foram jantar; porém, nesse momento, Luísa cada vez mais demonstrava estar doente. Tossia sem parar. Fortunato a amava, do seu jeito, mas a amava; e, ao descobrir da doença fez o possível para curá-la, pois não aceitava perdê-la. “Mas foi tudo vão. A doença era mortal.” (MACHADO DE ASSIS, 2019, p. 101).

Antes de sua morte, ele ficou o tempo todo ao seu lado. Garcia, ao vê-lo fatigado, pediu que fosse descansar. E que ele continuava a velar o cadáver. Então, Fortunato fez isso, porém não por muito tempo; e, ao retornar em silêncio para não acordar a parenta que dormia perto, observou que “Garcia tinha-se chegado ao cadáver, levantara o lenço e contemplara por alguns instantes as feições defuntas. Depois, como se a morte espiritualizasse tudo, inclinou-se e beijou-a na testa.” (MACHADO DE ASSIS, 2019, p. 101). Nesse exato momento, Fortunato presencia tal cena. Não demonstrou ciúmes, mas como sendo vaidoso não aceitava a situação. “Entretanto, Garcia inclinou-se ainda para beijar outra vez o cadáver, mas então não pôde mais. O beijo rebentou em soluços, e os olhos não

puderam conter as lágrimas, que vieram em borbotões, lágrimas de amor calado.” (MACHADO DE ASSIS, 2019, p. 101). E Fortunato continuou paralisado, mas saboreando tranquilamente uma explosão de dor moral.

### **Estilo, gênero discursivo e o diálogo como metodologia de análise na perspectiva de Irene Machado (2016).**

Os gêneros não são obras definitivamente concluídas, uma vez que se torna necessária a retomada em discursos do passado para construir o discurso do presente e futuro. Para a construção dos gêneros, autores criam estilo próprio ou simplesmente seguem com a escrita de estilo já existentes. [...] “confirmando a ideia de que o estilo, longe de se esgotar na autenticidade de um indivíduo, inscreve-se na língua e nos usos historicamente situados” (BRAIT, 2016, p. 83). Assim,

[...] se dá com o conceito bakhtiniano de estilo: ele não pode separar-se da ideia de que se olha um enunciado, um gênero, um texto, um discurso, como participante, ao mesmo tempo, de uma história, de uma cultura e, também, da autenticidade de um acontecimento, de um evento (BRAIT, 2016, p. 96).

Então, podemos refletir o seguinte: *estilo* está interligado a cultura, por isso a semelhança de uma obra escrita para outra, uma vez que autores trazem enraizada a cultura do outro para dentro de si, ou seja, para sua própria escrita. E, uma maneira inteligente de registrar os tempos culturais é através dos gêneros literários e gêneros discursivos.

O gênero, na teoria do dialogismo, está inserido na cultura, em relação a qual se manifesta como “memória criativa” onde estão depositadas as grandes conquistas das civilizações como também as descobertas significativas sobre os humanos e suas ações no tempo e no espaço (MACHADO, 2016, p. 159).

Vale ressaltar que também deparamos como essa “memória criativa” em romances históricos. Quando falamos sobre gênero literário frisamos na classificação de Aristóteles acerca da Poética e da Retórica. Mas com o surgimento da prosa comunicativa surge junto à necessidade de análise através do processo interativo que é realizado pelo discurso. Diante dessas informações, destacamos “os estudos que Mikhail Bakhtin desenvolveu sobre os gêneros discursivos considerando não a classificação das espécies, mas o dialogismo do processo comunicativo”, (MACHADO, p. 152, 2016). Para Machado (2016),

[...] gênero e discursos passam a ser focalizados como esferas de uso da linguagem verbal ou da comunicação fundada na palavra. A partir dos estudos de Bakhtin foi possível mudar a rota dos estudos sobre gêneros: além das formações poéticas, Bakhtin afirma a necessidade de um exame circunstanciado não apenas da retórica, sobretudo, das práticas prosaicas que diferentes usos da linguagem fazem do discurso, oferecendo-o como manifestação de pluralidade. (MACHADO, 2016, p. 152).

Quando se falava de gênero textual tínhamos conhecimento dos gêneros literários e não literários, assim, sendo classificados como: romance, conto, crônica, poesia, fábula, etc., literários; e, notícia, entrevista, carta, bula, receita, artigo de opinião, entre outros como não literários. Já os gêneros discursivos,

[...] distanciam-se do universo teórico da teoria clássica criando lugar para as manifestações discursivas da heteroglossia, isto é, das diversas codificações não restritas à palavra. Graças a essa abertura conceitual é possível considerar as formulações discursivas do amplo campo da comunicação mediada, seja aquela processada pelos meios de comunicação de massa ou de modernas mídias digitais, sobre o qual, evidentemente, Bakhtin nada disse, mas para o qual suas formulações convergem. (MACHADO, 2016, p. 152).

Diante das informações citadas acima, vale ressaltar que “Bakhtin entende que uma linguagem é sempre uma imagem criada pelo ponto de vista de uma outra linguagem”, (MACHADO, 2016, p. 161). Por esta razão que surge a heteroglossia. Além disso,

diferentemente dos gêneros poéticos, marcados pela fixidez, hierarquia e até por uma certa noção de purismo, os gêneros da prosa são, sobretudo, contaminações de formas pluriestilísticas: paródia, estilização, linguagem carnavalizada, heteroglossia (MACHADO, 2016, p.153).

Nessa perspectiva, a autora destaca que por eles surgirem na “esfera prosaica da linguagem, os gêneros discursivos incluem toda sorte de diálogos cotidianos, bem como enunciações da vida pública, institucional, artística, científica e filosófica”, (MACHADO, 2016, p. 155). Finalizamos esse tópico descrevendo a distinção entre os gêneros discursivos primários e secundários do ponto de vista do dialogismo segundo Bakhtin. Uma vez que “Bakhtin distingue os gêneros discursivos primários (da comunicação cotidiana) dos gêneros discursivos secundários (da comunicação produzida a partir de códigos culturais elaborados,

como a escrita)”, (MACHADO, 2016, p. 155). Ou seja, está relacionado ao uso da linguagem em processo dialógico com base na interação. Assim, os gêneros discursivos:

secundários - tais como romances, gêneros jornalísticos, ensaios filosóficos – são formações complexas porque são elaborações da comunicação cultural organizada em sistemas específicos como a ciência, a arte, a política. Isso não quer dizer que eles sejam refratários aos gêneros primários: nada impede, portanto, que uma forma do mundo cotidiano possa entrar a esfera da ciência, da arte, da filosofia, por exemplo. Em contatos como esses, ambas as esferas se modificam e se completam. (MACHADO, 2016, p. 155).

Há uma semelhança de comparação quando fazemos a distinção entre os gêneros literários clássicos dos gêneros pertencentes à literatura popular. Do gênero literário que é desenvolvido na oralidade aos gêneros literários da cultura escrita. Para concluir nossa abordagem, entende-se que o diálogo é a principal metodologia para analisar os gêneros discursivos. Portanto, concluímos esse tópico, e a seguir, iremos abordar uma análise dos contos objeto de estudo.

### **Machado de Assis em diálogo com Milton Hatoum: seu texto como pretexto para um diálogo produtivo**

Serão apresentados, fragmentos que serão analisados, no intuito de apresentar as relações intertextuais presentes no conto “Encontros na Península”, de Milton Hatoum, comparando-o, assim, com “A Causa Secreta”, de Machado de Assis. Para a nossa análise iremos abordar informações acerca da cidade de Barcelona. Uma vez que “a cidade é um símbolo da sociabilidade humana, lugar de encontro e de vida em comum”, (Dalcastagnè, 2012, p. 110). Os encontros aconteciam em Catalunha, a qual tem como capital, Barcelona que fica localizada na Espanha. Lá se falam duas línguas, o espanhol e o catalão. É importante frisar o catalão, pois Victória Soller é adjetivada como uma catalã, ou seja, “Quem pode com uma catalã?”, (HATOUM, 2009, p. 109).

A capital situa-se na “costa nordeste da Península Ibérica, de frente para o Mar Mediterrâneo, em uma planície de aproximadamente 5 km”, (PINHEIRO, 2017, p. 2017). Não é regra, mas é importante nós analisarmos também o título da obra, principalmente porque, na maioria das vezes, ao lermos, desvendamos algumas ideias relevantes que se aproximam ao enredo e aos personagens. Então, quando lemos o título “Encontros na

Península”, surge logo o questionamento: Que Península? E vamos compreendê-lo dentro do contexto ao qual está relacionado à cidade de Barcelona.

De acordo com Dalcastagnè (2012, p. 110) a cidade também é considerada como “um símbolo da diversidade humana, espaço em que convivem massas de pessoas que não se conhecem, não se reconhecem ou mesmo se hostilizam”. Essa citação é importante para nós pontuarmos a seguinte informação: “Soares não me contou mais nada de sua vida. Lia e cuidava de uma dama. Isso era tudo” (HATOUM, 2009, p. 108). Ou seja, Victória namorava um homem sem conhecer a história de vida dele, se tinha família, filhos, se era comprometido ou não. Apaixonou-se por um indivíduo que poderia correspondê-la com amor ou indiferença. É possível afirmar que ela estava apaixonada, pois o discurso é bem direto quando ela diz “[...] eu me despedia da Catalunha, sonhando com a vida em Lisboa. Olhava para ele, embebida de desejo e felicidade, que são graças gratuitas. Até cantarolei na minha língua uma canção de amor catalã”, (HATOUM, 2009, p. 109). Expressões que demonstram quando alguém está enamorado por outra pessoa: “sonhando”, “cantar canção de amor”. Nessa perspectiva, quando estamos amando, tudo fica mais leve, os sonhos começam a se realizarem, e assim, sucessivamente.

É nítido esse desejo de construir algo sólido com Soares. Ela queria ir além dos encontros num quarto de hotel, por isso, sonhava em mudar-se para junto do amado. “Pensei em alugar este apartamento e me mudar para Lisboa; poderia ter sido a decisão de uma vida, mas foi uma fantasia de minutos”, (HATOUM, 2009, p. 108). Por que foi apenas uma fantasia? Se ela o amava? Bem, realmente ela desejava e sonhava com um relacionamento recíproco, porém tudo desmoronou quando ela descobriu que Soares não era o homem que ela idealizava. E, isso aconteceu quando ela presenciou uma cena repugnante. Vejamos: “Então ele parou e se curvou para um mendigo sentado na calçada. Meu amante tirou do bolso uma moeda, jogou-a para o alto e, quando o cobreia cair nas mãos estendidas, Soares agarrou a esmola e deu uma gargalhada”, (HATOUM, 2009, p.109).

Foi a partir desse momento, nesse ambiente, que ela começou a refletir, que o diálogo começou a surgir, pois “diríamos que o ambiente é a condição sem a qual o diálogo simplesmente não acontece”, (MACHADO *em* BRAIT, 2016, p. 164). Vamos entender a situação, primeiro tudo aconteceu em um espaço social, público, uma rua que praticamente era o abrigo do pedinte. Faminto e sem expectativa de vida, podemos afirmar devido nosso conhecimento prévio, mas sem generalizar. “O mendigo tomou um susto, os braços dele caíram. Soares enfiou a moeda no bolso e apressou o passo, balançando a cabeça; talvez

cantasse”, (HATOUM, 2009, p.109). Quais as características de um ser humano que tem atitude semelhante à de Soares?

Nota-se que essas características estão situadas no conto “A causa Secreta”, de Machado de Assis, no personagem Fortunato. Nesses aspectos, verificamos assemelhança de estilo na criação dos personagens entre ambos os contos. “Como se pode ver, a concepção de estilo, no sentido bakhtiniano, pode dar margens a muito mais do que a simples busca de traços que indiquem a expressividade de um indivíduo”, (BRAIT, 2016, p. 98). O que está implícito nas atitudes de Soares corresponde ao discurso de Fortunato, ou seja, ambos têm prazer mórbido em fazer o outro sofrer. O que podemos classificar como sadismo.

Há uma passagem no conto “A causa secreta”, em que Fortunato foi pelo um beco até chegar ao largo da Carioca. “Ia devagar cabisbaixo, parando às vezes, para dar uma bengalada em algum cão que dormia; o cão ficava ganindo e ele ia andando” (MACHADO DE ASSIS, 2019, p. 194). Assim como o mendigo, o cão era morador de rua. Estavam em uma situação precária. Necessitava da ajuda de alguém, no caso do animal, precisava de alimentos e carinho. E o mendigo de ajuda financeira, vestimentas, alimentos etc. Porém as atitudes dos dois personagens já citados anteriormente são para maltratar, tanto o cão quanto o mendigo. Assim tendo prazer de apreciar o sofrimento alheio.

Enfatizando o tema da crueldade presente no personagem Fortunato, destacamos a cena em que ele, em seu estado perverso, corta e queima cada parte do corpo de um rato por este ter dado fim a um papel que era importante. Garcia, ao chegar ao gabinete, presenciou Fortunato sentado à mesa. No local, tinha um líquido flamejante e ele com uma tesoura e o animal preso com um barbante pela cauda. “No momento em que o Garcia entrou, Fortunato cortava ao rato uma das patas; em seguida desceu o infeliz até a chama, rápido para não matá-lo.” (MACHADO DE ASSIS, 2019, p. 200).

Verificamos nessa cena que a intenção dele não é matá-lo, e sim torturá-lo. Característica de um psicopata, cuja intenção é de torturar algo ou alguém que entra em seu caminho e “atrapalha seus planos”. E isso foi o que aconteceu com o miserável, infelizmente o rato destruiu o papel que era de suma importância para ele.

Podemos perceber a ironia presente na narrativa de Hatoum, tanto quanto acontece em textos machadianos, pois Victoria Soller consegue ver nos personagens dos romances de Machado de Assis características ainda não reveladas da personalidade do amante. Soares, por sua vez, nutre um desprezo pelos temas eleitos por Machado que, na realidade, são características que lhe compõem a própria personalidade. Levando em consideração as

semelhanças presentes no conto anterior, nessa análise iremos para a cena em que Garcia e Fortunato estavam assistindo a uma peça teatral. E nas cenas mais cruéis o Fortunato apreciava com mais volúpia. E saiu do teatro sem a conclusão da peça. Ao sair, Garcia curioso para saber quem era aquele homem misterioso o seguiu. Nessa passagem percebe-se a semelhança que ocorreu com a personagem Victoria Soller que também teve a mesma atitude de seguir Soares.

Por esta razão, contrata ao professor para descobrir em qual conto ou romance machadiano se encontra Soares. E essa resposta é possível, pois Soares e Fortunato são semelhantes nas atitudes e no caráter. Ambos compactuam da crueldade, e têm comportamentos idênticos. Soares falava que Machado só escrevia sobre adultério e era um homem adúltero, pois, sendo casado se envolveu com Victoria.

Fortunato era um ser frio, não tinha ódio “e com um sorriso único, reflexo de alma satisfeita, alguma coisa que traduzia a delícia íntima das sensações supremas” (MACHADO DE ASSIS, 2019, p. 200). Não agiu no ato de matar o rato por ira ou ódio, e sim, por prazer mórbido. Essa característica nos faz lembrar de Soares em “Encontros na Península”, na cena em que ele jogou a moeda para cima ao invés de dá ao mendigo, fez isso não porque odiava ou sentia algum sentimento de ira, e sim como disse a personagem, por prazer mórbido. ““Castiga sem raiva”, pensou o médico, “pela necessidade de achar uma sensação de prazer, que só a dor alheia pode dar: é o segredo desse homem.”” (MACHADO DE ASSIS, 2019, p. 201).

Em considerações finais constatamos a partir da leitura dos contos selecionados algumas reflexões acerca do dialogismo proposto por Bakhtin, pois ao ler e comparar os textos, verificamos características marcantes de aspectos intertextuais. Deste modo, por meio da leitura do artigo o leitor é convidado a conhecer Milton Hatoum e os textos machadianos. Logo, o leitor com seu universo de leitura poderá acrescentar e preencher as lacunas que sempre ficam presentes no texto. E, como foi citado inicialmente na introdução: não há evidência de um texto original e acabado, pois os textos literários são compostos de textos já existentes, seja em sua composição implícita ou explícita.

## Referências

- ASSIS, Machado de, 1839-1908. *Todos os contos*, volume 2 / Machado de Assis; 1. Ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- BATISTA E GUIMARÃES, *Língua e Literatura: Machado de Assis na sala de Aula / Alexandre Huady Torres Guimarães, Ronaldo de Oliveira Batista (organizadores)*. – São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura Comparada: Textos fundadores/ Organização de Eduardo F. Coutinho e Tânia Franco Carvalhal*. Rio de Janeiro, Rocca, 2ª ed. 2011.
- CARVALHAL, Tânia Franco, 1943- *Literatura comparada / Tânia Franco Carvalhal*. -4.ed. rev. e ampliada. - São Paulo: Ática, 2004
- HATOUM, Milton. *A cidade ilhada: contos / Milton Hatoum*. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Flores da escrivantina*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- REDALYC.COM. *O patrimônio histórico cultural reconhecido pela UNESCO em Barcelona utilizado pelo turismo*, disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2610/261056058008.pdf>, acesso em 05 de fev de 2021.
- RAMALHO E OLIVEIRA. *Relações intertextuais e sentidos dialógicos*, Luzinete Carpin Niedzieluk (UDESC, Florianópolis/SC, Brasil) Sandra Ramalho e Oliveira (UDESC, Florianópolis/SC, Brasil). Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/gearte/article/view/71451/48088> Acesso em 08 de fev 2021.

Como citar este artigo (Formato ABNT):

ATAÍDE, Maria Betânia da Costa; AMORIM, José Edilson de. Encontros na Península, de Milton Hatoum: um diálogo com A causa secreta, de Machado de Assis. **Id on Line Rev. Psic.**, Dezembro/2021, vol.15, n.58, p. 576-591, ISSN: 1981-1179.

Recebido: 20/12/2021;  
Aceito 29/12/2021;  
Publicado em: 30/12/2021.